

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

MARCELO CORDEIRO NASCIMENTO

“Flutuação do número de agências bancárias no Brasil: o que mudou
na virada do século”

São Paulo

2021

MARCELO CORDEIRO NASCIMENTO

“Flutuação do número de agências bancárias no Brasil: o que mudou na virada do século”

Trabalho de Graduação Individual
apresentado ao Departamento de Geografia
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Luis Antonio Bittar Venturi

SÃO PAULO

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

N244f Nascimento, Marcelo Cordeiro
Flutuação do número de agências bancárias no
Brasil: o que mudou na virada do século / Marcelo
Cordeiro Nascimento; orientador Luis Antonio Bittar
Venturi - São Paulo, 2021.
47 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia.

1. Instituições Financeiras. 2. Sistema
financeiro. 3. Bancos. 4. Agências bancárias. 5.
Acesso virtual. I. Venturi, Luis Antonio Bittar,
orient. II. Título.

Agradecimentos

Aos professores da Geografia USP e Faculdade de Educação, que direta ou indiretamente contribuíram com minha formação nestes anos da Graduação e Licenciatura.

De forma especial ao Prof. Luis Bittar, pela orientação, condução e suporte na elaboração deste TGI. Sua atuação foi fundamental em todo o processo.

A minha esposa Susana, e filhos Marcelo e William, pelo suporte da família.

A minha mãe Maria de Lourdes (in memoriam), pela vida de sacrifício, que serviu de inspiração.

E indubitavelmente ao Senhor YHWH, pelo dom da vida e condução da mesma até o presente.

Resumo

NASCIMENTO, Marcelo Cordeiro. Flutuação do número de agências bancárias no Brasil: o que mudou na virada do século. 2021. 47 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Esta pesquisa visa compreender as transformações pelas quais tem passado o setor bancário brasileiro nas três últimas décadas, quanto à expansão do número de bandeiras e agências, e posterior retração desta tendência, influenciada pela criação e utilização crescente de produtos e serviços, entretanto não mais baseadas necessariamente na abertura de novas agências. A pesquisa foi conduzida com base na hipótese de diminuição destas, fundamentada nas variáveis: número de bancos, número de agências, número de caixas eletrônicos e número de transações e meio utilizado. Os dados foram obtidos nos sites do Banco Central do Brasil e da FEBRABAN, e sistematizados em gráficos, mapas e tabelas. A composição destes dados possibilita uma melhor compreensão do sistema bancário nacional em um cenário atual e projetado para o futuro.

Palavras-chave: Sistema bancário, Bancos, Agências bancárias, Acesso virtual

Abstract

NASCIMENTO, Marcelo Cordeiro. Fluctuation in the number of bank branches in Brazil: what changed at the turn of the century. 2021. 47 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

This research aims to understand the transformations that the Brazilian banking sector has gone through in the last three decades, regarding the expansion of the number of brands and branches, and the subsequent retraction of this trend, influenced by the creation and increasing use of products and services, however no longer necessarily based on the opening of new branches. The research was conducted based on the hypothesis of their decrease, based on the variables: number of banks, number of branches, number of ATMs and number of transactions and means used. Data were obtained from the websites of the Central Bank of Brazil and FEBRABAN, and systematized in graphs, maps and tables. The composition of this data enables a better understanding of the national banking system in a current scenario and projected for the future.

Keywords: Banking system, Banks, Bank branches, Virtual Access.

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Nº de Bancos no Sistema Bancário Nacional	p.18
Gráfico 2 - Nº de Agências no Sistema Bancário Nacional	p.24
Gráfico 3 – Distribuição de agência bancárias no Território brasileiro	p.27
Gráfico 4 - Caixas eletrônicos no Sistema Bancário Nacional	p.29
Gráfico 5 - Transações bancárias por Canal disponível	p.31
Gráfico 6 - Investimento em Tecnologia no Sistema Bancário Nacional	p.34
Gráfico 7 - Patrimônio Líquido do Sistema Bancário Nacional	p.35
Gráfico 8 - Lucro Líquido do Sistema Bancário Nacional	p.36
Gráfico 9 - Operações de Crédito no Sistema Bancário Nacional	p.37
Gráfico 10 - Nº de Contas Correntes no Sistema Bancário Nacional	p.38
Gráfico 11 - Nº de Bancários no Sistema Bancário Nacional	p.39

Lista de Figuras

Quadro 1 - Bancos Incorporadores e Incorporados	p.20
Mapa 1 – Atual localização das Sedes dos Bancos no Território brasileiro	p.21
Tabela 1 - Taxa de Bancarização no Brasil	p.25
Mapa 2 – Variação da distribuição de Agências Bancárias no Território brasileiro ao longo do período analisado	p.26
Tabela 2 – População brasileira por Região	p.27

Siglas e Abreviaturas

ANDIMA	Associação Nacional das Instituições do Mercado Aberto
ATM	Automated Teller Machine (Caixa eletrônico)
BCB	Banco Central do Brasil
BANEB	Banco do Estado da Bahia
BANERJ	Banco do Estado do Rio de Janeiro
BANESPA	Banco do Estado de São Paulo
BANDEPE	Banco do Estado de Pernambuco
BEMGE	Banco do Estado de Minas Gerais
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
FEBRABAN	Federação Brasileira de Bancos
FENABAN	Federação Nacional dos Bancos
FENAE	Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa Econômica Federal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Sumário

1. Introdução	p.10
2. Objetivos	p.13
3. Procedimentos Metodológicos e Técnicos	p.14
4. Resultados e Discussão	p.17
4.1 1ª variável: evolução do número de Bancos/bandeiras no período	p.17
4.2 2ª variável: evolução do número de agências bancárias no período	p.23
4.3 3ª variável: evolução do número de caixas eletrônicos no período	p.29
4.4 4ª variável: evolução do número de transações bancárias e meio utilizado	p.31
4.5 Sistema financeiro nacional em números nestas três Décadas	p.35
4.6 Empregados do Sistema financeiro nacional em números nestas três décadas	p.39
5. Conclusões e reflexões finais	p.41
6. Referências	p.45

1. Introdução

Temos assistido nas últimas três décadas, no cenário nacional, a exemplo de outras atividades econômicas, a transformação do sistema bancário, especialmente no que se refere às inovações tecnológicas e concentração do sistema através de fusões e aquisições de antigas organizações antes concorrentes entre si.

O cenário e contexto que envolvia e envolve o sistema financeiro nacional não é uma particularidade do nosso País. Não apenas neste período, é fato que os sistemas financeiros ou bancos estão subordinados a lógicas internacionais do capitalismo.

Naquela década de 1990 e seguinte, apesar das aquisições e fusões dos bancos nacionais, privatizações de bancos públicos estaduais, entrada de bancos estrangeiros incorporando bancos nacionais públicos e privados, também falência e extinção de alguns bancos, com a consequente redução do número total de instituições, temos a expansão do número de agências espalhadas por todo o território nacional, especialmente nas grandes cidades e regiões onde o crescimento econômico se demonstra mais vigoroso.

Este movimento de entrada de instituições estrangeiras no mercado nacional não era novo: já havia ocorrido no passado, antes da década de 1960, quando após a reforma do sistema financeiro em 1965-66, a entrada de capital estrangeiro passou a ser limitada pelas autoridades monetárias. Entretanto, agora com novo contexto político e econômico, as mudanças se intensificam. Segundo Freitas (1999, p.103).

Fenômenos como a desregulamentação e liberalização financeira, a proliferação de novos instrumentos e produtos, e o surgimento de novos atores nos mercados de capitais associado ao processo de institucionalização da poupança financeira revolucionaram o mundo das finanças em âmbito mundial e também nacional. Em particular, alteraram-se, de forma considerável, o espaço de valorização do capital e as condições de atuação das instituições bancárias, agentes ativos e reativos desse processo de mutações financeiras.

As mudanças também geram dificuldades em âmbito mundial, pois “as estratégias competitivas adotadas pelas instituições financeiras contribuíram para aumentar a fragilidade de alguns sistemas bancários nacionais” (FREITAS, 1999, p. 104).

Neste processo de adequação às novas condições, com maior concorrência, e ainda não estabelecidas determinadas regulamentações de âmbito internacional que preservassem uma necessária estabilidade sistêmica, se davam os processos de concentração e fusões das instituições. Ainda segundo Freitas (1999, p.105 e 106).

Essas mudanças verificadas no ambiente concorrencial dos bancos desencadearam um processo de concentração e reestruturação dos sistemas bancários, o qual se manifesta, na maior parte dos países, em ondas sucessivas de fusões e aquisições. Esse movimento – que se realimenta na própria busca de ampliação da base de clientes e de negócios, inerente à dinâmica concorrencial – aponta para uma contínua tendência de diminuição do número de instituições bancária e de aumento da concentração. [...] A reestruturação em curso dos sistemas bancários nacionais ocasionou, na maioria dos países desenvolvidos analisados, a redução de postos de trabalho e das despesas com pessoal.

A realidade era percebida mesmo nos países do chamado primeiro mundo,

[...] as fusões e aquisições bancárias irão multiplicar-se nos próximos anos, tanto na Europa como nos Estados Unidos. Neste, parte do problema da crise bancária dos anos 80 foi resolvida pela fusão e aquisição dos bancos falidos pelos principais bancos regionais.” (FREITAS, 1999, p.109).

A América Latina insere-se nesse processo, como receptora de novos atores no mercado financeiro local, que buscam angariar novos mercados no cenário mundial, e, neste processo, estes conglomerados financeiros internacionais avançam primeiro nas economias mais fragilizadas, sistema bancário menos regulamentado, ou já fortemente liberalizadas em termos de controle do capital externo. O Brasil, dentro da América Latina, vem a ser um dos últimos a passar pelo processo. De acordo com estudos da ANDIMA (1999, p.19).

Nesta última década, impelidos pelo fenômeno da globalização financeira, os países da região vem passando por uma forte reestruturação, marcada pela significativa inserção do capital estrangeiro nos diversos setores da economia, em especial no sistema bancário – os estágios são diferentes, ditados pelos ritmos de abertura dos respectivos setores financeiros.

Especificamente no Brasil esta realidade se dá a partir dos anos 1990, período marcado pela redemocratização do País, sucessivas crises econômicas, e implementação do Plano Real, que logrou significativo controle das taxas inflacionárias, impactando as receitas do setor, antes em boa parte proveniente destas altas taxas inflacionárias.

A princípio, este período foi caracterizado, apesar das sucessivas crises econômicas dos anos 1990, por um projeto de expansão da “bancarização” da população brasileira, característica de uma sociedade ainda em processo acelerado de urbanização e sendo inserida gradativamente cada vez mais na atividade econômica.

É na última década de 2010, após os efeitos da grande crise econômica ocorrida em 2008, que temos a reversão desta tendência de expansão física, no caso a abertura de agências, quando o sistema bancário buscou adequar-se a um modelo econômico cada vez mais voltado ao corte de gastos. Naquele mesmo momento, contribuiu decisivamente para a reversão desta tendência de expansão física, a viabilização e aceleração das já implementadas inovações tecnológicas que permitia a realização da atividade bancária com a utilização cada vez menor de um espaço físico delimitado no território.

2. Objetivos

Neste contexto, esta pesquisa procura explicar esta flutuação e transformação do sistema bancário nestas últimas três décadas. O estudo foi orientado pela hipótese de que as transformações no número de bancos e número de agências seriam decorrentes de adaptações às novas tecnologias ocorridas no período.

Assim, a hipótese baseia-se empiricamente nas seguintes variáveis operacionais:

- evolução do números de Bancos/bandeiras no período;
- evolução do número de agências bancárias no período;
- evolução do número de caixas eletrônicos no período;
- evolução do número de transações bancárias e meio utilizado.

Também é o objetivo demonstrar o impacto das novas tecnologias, neste setor especialmente os meios *internet banking* e o *mobile banking*, especificamente na variável do número de agências físicas, com óbvias consequências no mercado de trabalho, pela redução do número de vagas de empregos, e também no mercado mobiliário, com a redução de espaços ocupados.

Cabe ressaltar que esses dados, mercado de trabalho e mercado imobiliário, não são objeto dessa pesquisa, e estão apenas citados pela obviedade dos mesmos.

Sendo assim, a evidência deste fato, possibilita a contribuição a uma análise futura de cenários, sobre os possíveis impactos desta tendência de desocupação de imóveis por este setor da atividade econômica, e consequentes reflexos nos setores imobiliários e mercado de trabalho.

3. Procedimentos Metodológicos e Técnicos

A partir da observação do setor bancário nas últimas décadas, como participante do mesmo na qualidade de bancário, buscamos entender as mudanças e alterações sofridas ou exercidas por este setor da economia nacional e suas consequências no relacionamento com a população que consome seus serviços.

Através de uma análise integrada e evolutiva, elegemos quatro variáveis de dados que representam a especificidade da relação Bancos, Clientes ou Usuários, e como as estas evoluíram ao longo das três últimas décadas.

Supúnhamos de início, que a análise integrada destas quatro variáveis (número de bancos, de agências, caixas eletrônicos e meios utilizados para transações bancárias), apontava uma tendência de alteração significativa na estrutura deste que é um dos mais importantes setores da economia.

Com estas premissas, passamos a identificar possíveis Fontes, nas quais fosse possível a coleta de dados referentes às variáveis elencadas. Após consultas a algumas entidades ligadas ao setor bancário, optamos principalmente por dados disponibilizados pela FEBRABAN e pelo Banco Central do Brasil, em razão da sistematização destes dados em série históricas e publicação dos mesmos.

Ainda quando da coleta destes dados, optamos por também registrar outros dados que auxiliam na análise de desempenho do setor bancário, tais como patrimônio líquido, lucro, contratação de crédito, investimento em tecnologia e número de bancários, que efetivamente auxilia no entendimento da trajetória do setor no período de análise.

A partir destas escolhas, estes dados conjuntamente com as quatro variáveis, foram em sua maioria sistematizados em gráficos do “tipo coluna”, buscando demonstrar a evolução ocorrida no período. A opção por este tipo de gráfico busca suprir a ausência de registro de alguns dados em determinados anos da

série histórica, não inviabilizando entretanto uma visualização da evolução do período total da pesquisa.

A exceção ocorreu na variável “meios utilizados para transações bancárias”, em que o gráfico “tipo linha” representa uma melhor visualização da evolução dos diversos meios utilizados.

Consultamos diferentes possíveis fontes de pesquisa tais como, órgãos governamentais, órgãos fiscalizadores, institutos de pesquisa, entidades de classes, sites especializados, livros publicados sobre o tema ou pesquisas anteriormente realizadas, nos quais encontramos dificuldades em obter a totalidade de dados desse período compreendido entre 1990 e 2019.

Quando observamos que determinados dados constavam em relatórios publicados em anos distintos ou em publicações distintas com números conflitantes, optamos por considerar os dados publicados em anos mais recentes, considerando que provavelmente estes sofreram correções em relação a publicações anteriores.

Também cabe considerar, que a metodologia de pesquisa, coleta de dados e apresentação dos mesmos em seus relatórios por estes órgãos ou entidades, sofreram significativas alterações ao longo das três últimas décadas. Como exemplo, a variável “meios utilizados para transações bancárias”, os dados agora divulgados da utilização dos usuários ou clientes bancários de novas tecnologias, não eram objeto de pesquisa ou divulgação há 30 anos, por razões óbvias.

Vale ainda ressaltar, que não se buscou regionalizar ou localizar todos os dados registrados, de forma a espacializar os mesmos no território nacional, pois diferia do objetivo que é olhar o sistema bancário nacional em sua totalidade.

A exceção se deu nas variáveis “número de bancos” e “número de agências”. Quanto ao número de Bancos há um mapa demonstrando a concentração de suas Sedes na Região Sudeste do País, e quanto às Agências está disposta a distribuição de agências em um mapa do território brasileiro, em que os registros comprovam, que a região considerada mais desenvolvida do País,

região Sudeste e dentro desta, suas principais cidades, detém a maior concentração destas instalações, como número de agências bancárias, assim como as Sedes destes conglomerados (Relat. FEBRABAN, 2015, p.59).

O ano foi encerrado com 22,9 mil agências no País, contra 23,1 mil no ano anterior. A maior parte das agências, 52% está concentrada na Região Sudeste. O restante está distribuído nas Regiões Sul (19%), Nordeste (16%), Centro Oeste (8%) e Norte (5%).

Com isso, apesar das considerações expostas quanto às dificuldades encontradas na coleta de dados, é possível verificar e demonstrar através dos números registrados e sistematizados a seguir, uma efetiva tendência à comprovação da hipótese inicial dos impactos das novas tecnologias na redução do número de agências bancárias em todo o território nacional.

4. Resultados e Discussão

4.1 1ª variável: evolução do número de Bancos/bandeiras no período

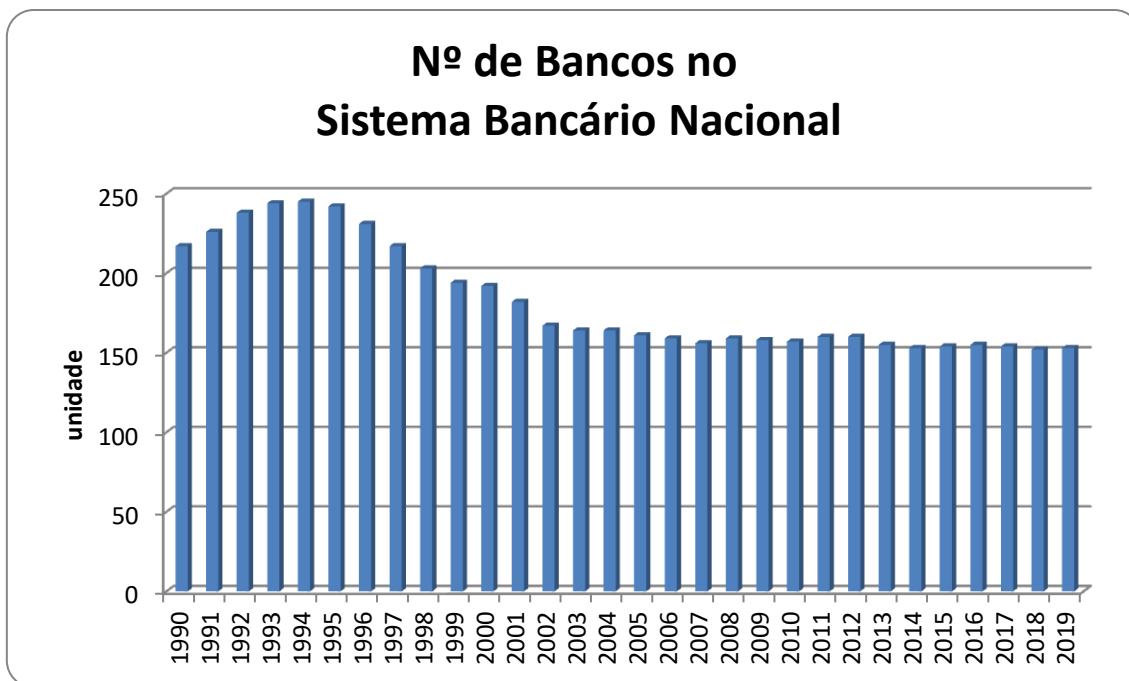
Neste capítulo passamos a demonstrar e analisar os dados e números colhidos durante a pesquisa, considerando as quatro variáveis propostas, que buscam formatar um cenário deste período objeto de análise.

Começamos com a variável “evolução do número de Bancos/bandeiras no período”, buscando verificar a mesma no período analisado e se de fato ocorreram variações significativas nestes dados.

Neste gráfico (gráfico 1), que demonstra a evolução do número de Bancos no período de 1990 a 2019, verificamos a tendência de crescimento no início do período quando o sistema bancário nacional possuía um pouco mais de 200 Bancos em 1990, aumentando até aproximadamente 250 Bancos já em 1994 e 1995, aqui considerados Bancos nacionais, públicos e privados, e estrangeiros.

Com a reversão desta tendência de crescimento a partir da segunda parte da década dos anos 1990, e consolidada na década seguinte, chegando ao patamar que temos hoje de aproximadamente 150 Bancos no Brasil, o conjunto considerando os chamados Bancos Comerciais, Múltiplos e Caixa Econômica (BCB, 2019).

Gráfico 1



Fonte: Banco Central do Brasil e Relatórios Anuais da FEBRABAN.

No início do período aqui considerado, a possibilidade de atração de novos usuários para o sistema, de uma enorme população brasileira com baixa taxa de acesso aos serviços bancários, chamada de população *não bancarizada*, atrai diversas instituições estrangeiras.

Com a implementação do Plano Real em 1994, e a perspectiva de novas possibilidades no e através do sistema financeiro brasileiro, esta atratividade aumenta (FREITAS, 1999, p.113 e 114).

As perspectivas de estabilização sustentada da economia brasileira a partir da introdução do Plano Real, em junho de 1994, aumentaram o interesse de um número crescente de instituições financeiras, tanto da área comercial como de investimento, em atuar no país, por meio de associações com bancos nacionais e/ou da instalação de agências. A abertura do mercado de capitais, o processo de privatizações e as perspectivas de negócios na área de financiamento da infraestrutura atraíram diversas instituições estrangeiras.

Porém, é também a partir de 1994, com os resultados advindos com a estabilização econômica proporcionada pelo Plano Real, e as consequentes reduções das taxas inflacionárias que possibilitavam ganhos fáceis para os Bancos, quando estes aplicavam o dinheiro de seus clientes a juros exorbitantes, juros estes compatíveis com elevados índices de inflação. Neste cenário de início de estabilização econômica que também verificamos o início da tendência de redução expressiva do número de Bancos no Brasil (Andima, 1999, p.23).

Adicionalmente, com a queda da inflação no período pós-Real, as instituições financeiras passaram a conviver com a realidade de altos custos operacionais derivados da manutenção de estrutura apenas compatíveis com elevadas receitas inflacionárias. Diante dessas mudanças, muitas empresas do setor não conseguiram promover ajustes no grau e no tempo necessários para continuar operando no mercado.

Naquela década de 1990, com a premente necessidade de ajustes e reduções nas estruturas dos Bancos, estruturas estas formatadas ou habituadas, como dito acima, em um cenário econômico caracterizado pelo fato de as receitas do setor serem mais facilmente obtidas, temos então um número expressivo de fusões e aquisições de Bancos, conforme alguns exemplos demonstrados a seguir (quadro 1), aqui considerados apenas os anos 1990:

Quadro 1

<i>Bancos Incorporadores/Compradores</i>	<i>Bancos Incorporados</i>
Banco Itamarati (Brasil)	aquisição do Banco Crefisul – jul/94
Banco Unibanco (Brasil)	aquisição do Banco Nacional – nov/95
Hongkong Shanghai Banking Corporation HSBC (Reino Unido)	aquisição do Bamerindus – abr/97
Banco Inter-Atlântico (Portugal/França)	aquisição do Banco Boavista – set/97
Banco BCN (Brasil)	aquisição do Banco Itamarati – jul/96 aquisição do Banco Credireal – ago/97
Caixa Geral de Depósitos (Portugal)	aquisição do Banco Bandeirantes – jan/98
Banco Sudameris Brasil (França/Itália)	aquisição do Banco América do Sul – mar/98
Banco de Bilbao Viscaya BBV (Espanha)	aquisição do Banco Excel-Econômico – abr/98
ABN-AMRO Bank (Holanda)	aquisição do Banco Real – jul/98 aquisição do BANDEPE – nov/98
Banco Itaú (Brasil)	aquisição do Banco Francês e Brasileiro – jul/95 aquisição do BANERJ – jun/97 aquisição do BEMGE – set/98
Banco Bradesco (Brasil)	aquisição do Banco BCN – out/97 aquisição do BANEB – jun/99
Banco Santander (Espanha)	aquisição do Banco Geral do Comércio – ago/97 aquisição do Banco Noroeste – out/97 aquisição do BANESPA – Nov/2000

Fonte: Freitas, 1999 e Contel, 2009.

Na década seguinte, anos 2000, temos uma redução deste número de fusões e aquisições, pois os pequenos e médios Bancos, ou que não estavam em boas condições já haviam sido absorvidos ou incorporados, entretanto não cessam e caracterizam-se pelas fusões entre grandes concorrentes, confirmando as expectativas para Freitas (1999, p.155).

[...] a despeito do crescimento esperado do mercado, os analistas consideram que persistirá o movimento de concentração: quem não tiver escala para distribuir seus produtos a baixo custo e com qualidade não conseguirá sobreviver. Calcula-se que exista espaço para três ou quatro grandes bancos privados, com rede nacional de agências, sete ou oito com cobertura regional, com concentração na

região sudeste, e de quinze a vinte bancos especializados nos mais diversos segmentos do mercado.

Na configuração atual, de aproximadamente 150 bancos, temos como uma provável consequência, conforme demonstrado no mapa 1, uma gigantesca concentração das Sedes administrativas destes Bancos nas Regiões Sudeste e Sul, aproximadamente 95% (noventa e cinco por cento), sendo que aproximadamente 65% (sessenta e cinco por cento) destas Sedes estão localizadas apenas na Região Metropolitana de São Paulo.

Atual localização das Sedes dos Bancos no Território brasileiro

Mapa 1



Fonte: Banco Central do Brasil

Os dados coletados e aqui exibidos, possibilitam visualizar uma crescente inicial na quantidade de bancos instalados no Brasil na primeira parte da década de 1990, provavelmente pelo interesse de expansão do capital estrangeiro, e uma significativa redução deste número após uma nova

configuração no cenário interno, especialmente pós Plano Real, assim também como consequência de ajustes generalizados ocorridos em âmbito mundial, não apenas no setor bancário, mas em diversos setores da economia, em que as fusões e aquisições de antigos concorrentes passaram a ser um fato recorrente.

4.2 2ª variável: evolução do número de agências bancárias no período

Seguimos com a variável “evolução do número de agências bancárias no período”, buscando verificar a mesma no período analisado e se efetivamente ocorreram variações significativas nestes dados.

No gráfico que demonstra o número de agências (gráfico 2), a evolução dos números se dá de forma diferenciada em relação ao número de Bancos, variável anterior (gráfico 1).

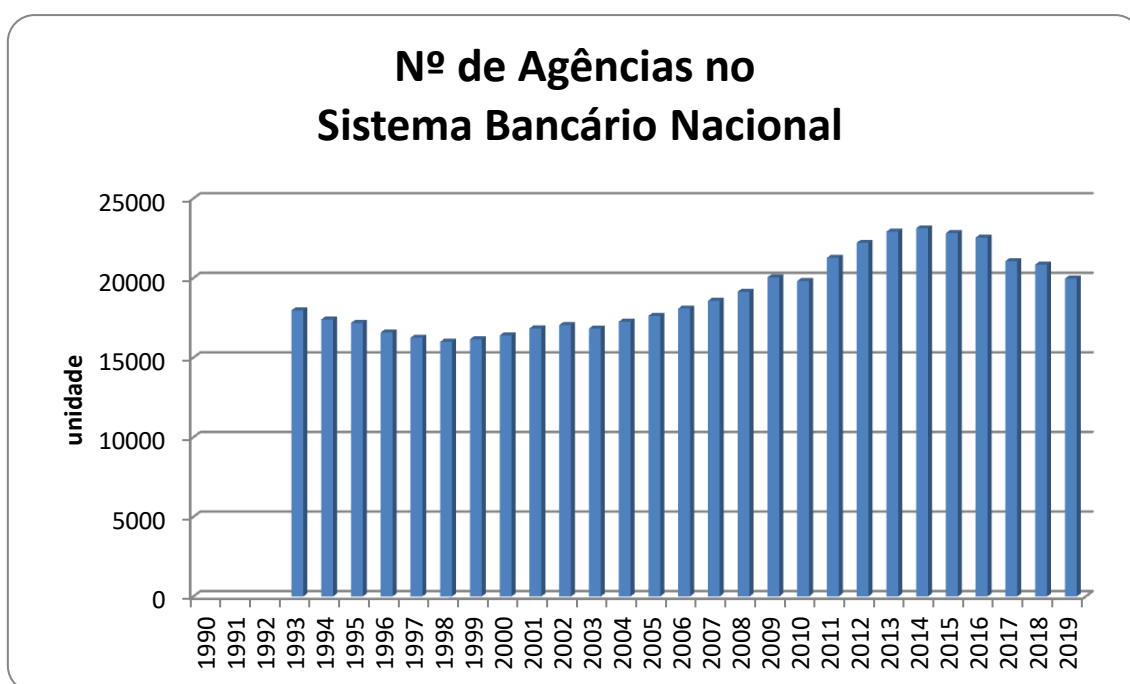
Aqui temos uma clara redução do número de agências na década de 1990, consequência provável do número elevado de fusões e aquisições com fechamento de agências dos Bancos incorporados ou extintos.

Temos também uma provável adequação da estrutura do sistema financeiro às consequências do Plano Real (1994), assim como aos planos de saneamento do governo federal para o setor bancário, *PROES* (Programa de Incentivo à Redução do Estado na Atividade Bancária), e o *PROER* (Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional) lançados em 1995 e 1996.

Ainda neste período, diretrizes internacionais, no chamado *Acordo de Basileia*, que determinavam a incorporação de requerimentos para a cobertura dos riscos de mercado no capital mínimo exigido das instituições financeiras, com a introdução de um índice, *Índice de Basileia*, que mede a solvência¹ dos Bancos.

¹ Solvência, em outras palavras, fornece informação sobre a capacidade que os bancos têm para cumprir suas obrigações de pagamento. Por isso, o IB (Índice de Basileia) também é conhecido como índice de solvência ou de solvabilidade de uma instituição financeira.

Gráfico 2



Fonte: Relatório Anual da FEBRABAN, anos de 2001, 2010 e 2011, Painel Econômico e Financeiro 2016 da FEBRABAN, Pesquisa FEBRABAN de Tecnologia Bancária 2021 e, Banco Central do Brasil.

Entretanto, a partir dos anos 2000 temos uma clara evolução do número de agências estabelecidas no território brasileiro. Um novo cenário econômico e político, com realinhamento e alterações no conjunto das classes sociais, com aumento da classe C, e diminuição das classes D e E da população economicamente ativa, proporcionou novas oportunidades no cenário econômico. Freitas (1999, p.114 e 110) aponta que:

O potencial de crescimento do varejo e a expectativa de generalização do uso de contas bancárias, dado que a relação entre o número de conta bancária e o tamanho da população ainda é baixa no Brasil, apresentam, igualmente, forte atratividade para os bancos estrangeiros. Enquanto no Brasil há cerca de uma agência bancária para cada 4,5 mil pessoas, na Itália essa relação é de uma agência para 2,9 mil pessoas; na Alemanha, uma para cada 2 mil pessoas; e, na Espanha, uma para cada 1,1 mil (Economist, 1998b, p. 61).

Sem dúvida, está em curso uma tendência de consolidação de grandes instituições, mas nada garante que a criação dessas instituições resolverá os problemas que os bancos enfrentam, com a redução das margens e as pressões dos acionistas por retornos crescentes.... A competição acirrada exige grandes bancos com amplos canais de distribuição. Como há limite para compressão dos custos, o caminho é ampliar a massa de clientes e o volume de

negócios. Isso explica tanto o movimento de fusões e aquisições em âmbito mundial, que tem conduzido à constituição de grandes conglomerados, como a diversificação geográfica...

Esta tendência de estabelecimento de agências bancárias no território nacional continua crescente, impulsionada pela expectativa e busca da *bancarização* da população brasileira até pelo menos a primeira parte da década dos anos 2010, como aponta o Relatório FEBRABAN (2012, p. 47) e Pesquisa FEBRABAN, (2013, p. 8).

Ao longo dos últimos anos, observa-se que as agências, tradicionais canais de atendimento, têm crescimento contínuo, movimento que deve persistir nos próximos anos, a taxas mais expressivas em função da maior bancarização no Brasil. Essa expansão traz discussões importantes quanto às agências que vêm intensificando seu papel de relacionamento com o cliente. Em contraponto, as transações presenciais nos caixas das agências recuaram 5% nos últimos cinco anos.

A taxa de bancarização de 56% equipara o Brasil a outras nações emergentes – Turquia e Índia, por exemplo. No entanto, ainda fica abaixo dos níveis registrados pelas economias desenvolvidas como EUA, Alemanha e Reino Unido, que apresentam taxas de bancarização em torno de 97%. Isso representa um grande potencial de expansão para os bancos de varejo, o que permite afirmar que a manutenção das taxas de crescimento é sustentável para os próximos anos, caso o setor desenvolva mecanismos e produtos voltados para a população que ainda não ingressou no mercado bancário.

Essa taxa de *bancarização*, conforme o desejado, obtém crescimento expressivo neste período, conforme tabela a seguir:

Tabela 1

Taxa de Bancarização no Brasil								
2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
72,4%	74,7%	77,8%	78,3%	81,2%	84,0%	86,6%	88,5%	90,4%

Fonte: FEBRABAN

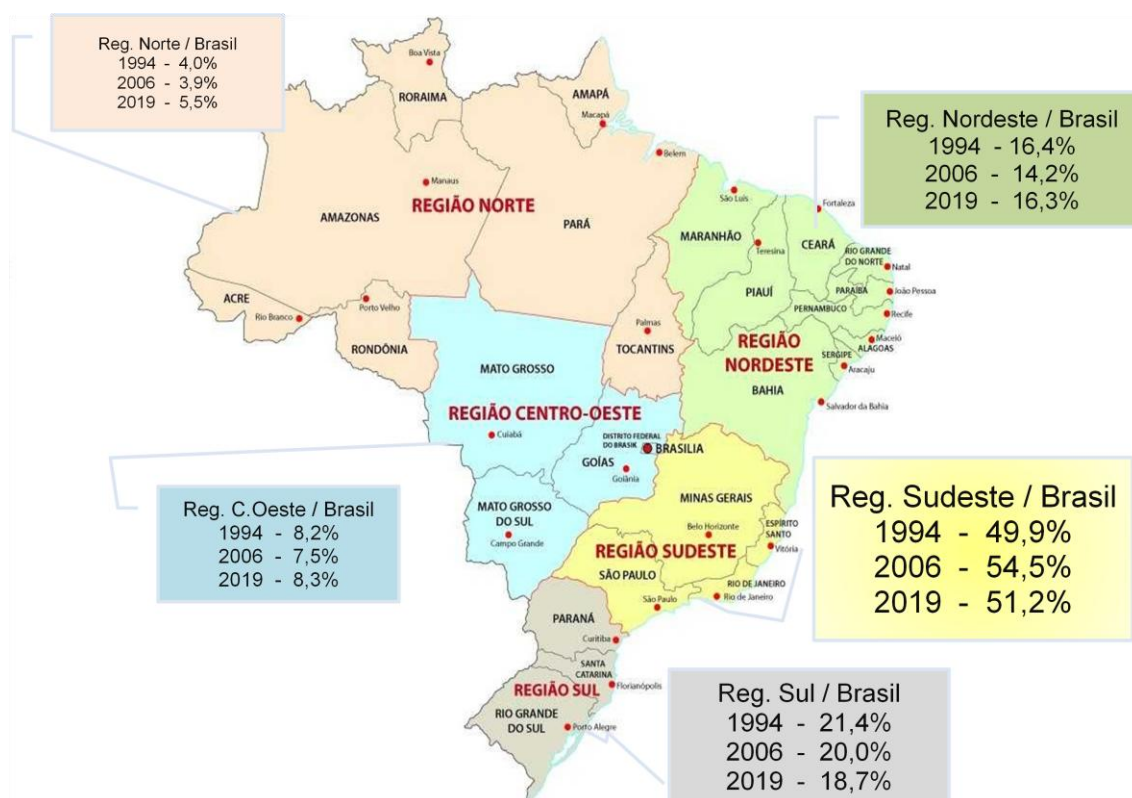
O indicador de bancarização é obtido a partir da divisão da quantidade de CPFs únicos ativos no Banco Central do Brasil de pessoas com mais 15 anos pela população a partir dessa mesma idade. Em 2016, esse índice ultrapassou os 90% – uma alta de quase dois pontos percentuais em relação ao ano anterior que confirma uma consistente trajetória de crescimento nos últimos anos. (Pesquisa FEBRABAN, 2017, p. 23)

Contudo, a partir da segunda parte da década de 2010, com o aumento e implementação de novas tecnologias que possibilitam novos acessos aos usuários, sem a necessidade de comparecimento presencial às agências, temos a reversão da tendência com consequente diminuição e fechamento de agências bancárias no território nacional, conforme se observa no gráfico (gráfico 2), com aproximadamente 3 (três) mil agências menos, apenas no período de 2015 a 2019.

Quando observamos a distribuição destas agências pelo território nacional (mapa 2), a tendência inicial observada é de uma relação com a população registrada nas cinco principais regiões definidas do País, regiões Norte, Nordeste, Centro Oeste, Sudeste e Sul (tabela 2).

Variação da distribuição de Agências bancárias no Território brasileiro ao longo do período analisado

Mapa 2



Fonte: Banco Central do Brasil

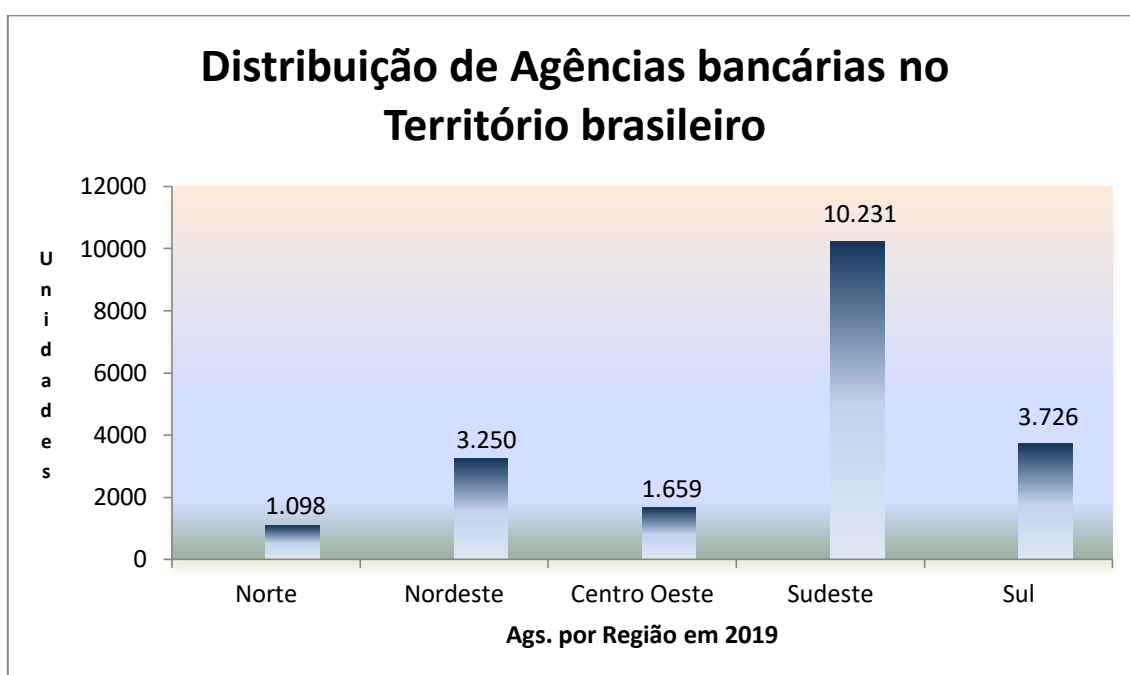
Tabela 2

Distribuição da População Brasileira por Região					
Brasil	Norte	Nordeste	Centro Oeste	Sudeste	Sul
População	8,8%	27,1%	7,8%	42,0%	14,3%

Fonte: IBGE (estimativa para 01/07/2020)

No gráfico 3, está exposta a mesma distribuição, considerando os números absolutos de agências bancárias em cada região do País no ano de 2019.

Gráfico 3



Fonte: Banco Central do Brasil

Entretanto, o fator econômico, também exerce influência nesta distribuição, pois as regiões Sudeste e Sul, reconhecidamente mais desenvolvidas economicamente, detêm um número de agências instaladas superior à relação população x agências bancárias, conforme observamos no mapa e no gráfico.

Mas quando observamos a distribuição destas agências no território nacional pelo período analisado, as últimas 3 décadas, não se percebem grandes alterações nesta distribuição. Os números percentuais (mapa 2), permanecem

sem significativas alterações, com um acréscimo aproximado de 1,5% nas regiões Norte e Sudeste, e uma redução de aproximadamente 3,0% na região Sul, permanecendo a região Sudeste com mais de 50,0% das agências instaladas no território nacional durante todo o período.

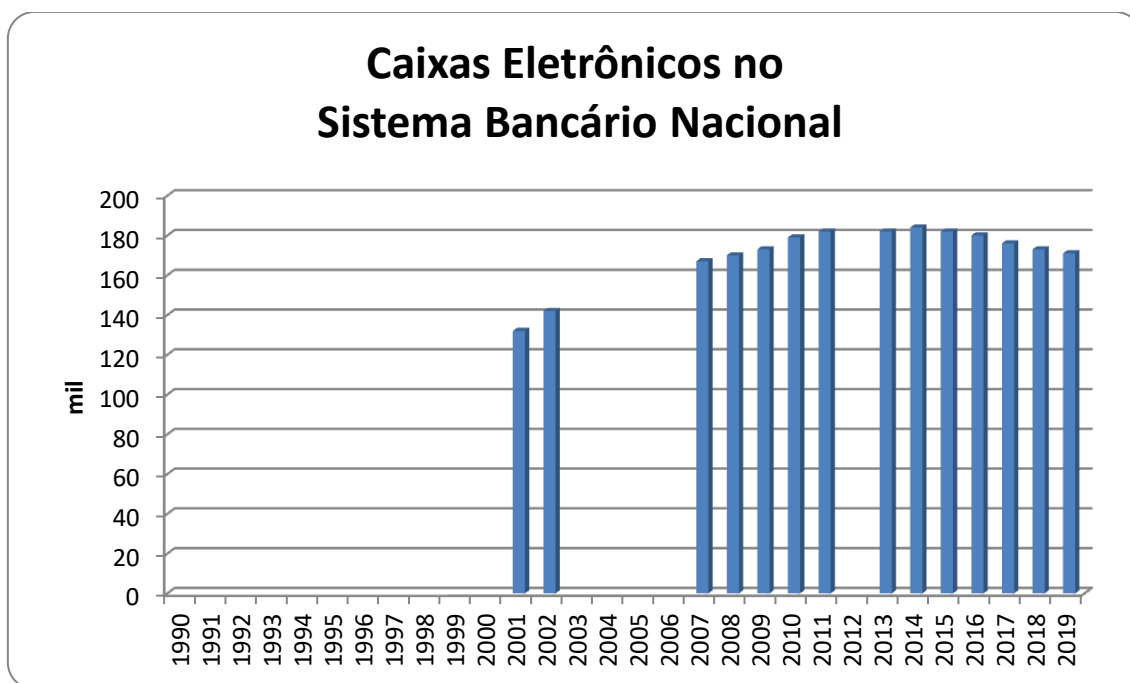
Os dados demonstrados desta 2ª variável, número de agências, permitem visualizar uma clara tendência de comprovação da hipótese da redução de agências bancárias a partir da 2ª metade da década de 2010, quando a necessidade do contato físico com o cliente ou usuário começa a deixar de ser relevante nos processos do setor bancário. A partir destes anos, 2015 e 2016, a tendência de fechamentos e reduções no número de agências bancárias, de modo uniforme no território nacional, é inquestionável.

4.3 3ª variável: evolução do número de caixas eletrônicos no período

Seguimos com a variável “evolução do número de caixas eletrônicos no período”, buscando verificar a mesma no período analisado e se de fato ocorreram variações significativas nestes dados.

O gráfico 4 nos mostra a evolução de caixas eletrônicos instalados no território nacional, e apesar de não termos disponíveis todos os dados do período (1990-2019), ainda assim é possível observar uma tendência similar à evolução do número de agências bancárias também espalhadas no território nacional, ou seja, crescimento a partir do ano 2000, e redução a partir dos anos 2015 e 2016.

Gráfico 4



Fonte: Relatório Anual da FEBRABAN, anos de 2001, 2002, 2010 e 2011, e Pesquisa FEBRABAN de Tecnologia Bancária de 2021.

O gráfico sugere desde o início da forte expansão do processo de *bancarização* nos anos 2000, uma crescente investida do setor bancário no sentido de redução de custos concomitantemente com a contínua expansão

dos negócios, haja vista que a implantação de caixas eletrônicos era a tecnologia disponível naquele momento que propiciava essa redução de custos, principalmente neste caso, com despesas de pessoal, pois já permitia ao usuário ou cliente o não comparecimento à Agência.

Ainda conforme a FEBRABAN, o que justifica a diminuição do número de caixas eletrônicos a partir da segunda metade desta última década, é a adoção nos últimos anos da tecnologia de “ATM de acesso aberto”. Conforme Pesquisa FEBRABAN (2018, p.34).

Essa [...] categoria traz um dos motivos que ajudam a compreender a redução no número de máquinas que vem ocorrendo no Brasil: ao permitirem acesso aberto, os ATMs possibilitam que pessoas com cartões de diversas instituições bancárias possam utilizar uma mesma máquina; com isso, começa um processo de consolidação que não altera a disponibilidade aos consumidores. Por exemplo, um aeroporto ou uma rodoviária que concentrava 12 ATMs – dois para cada banco – pode passar a ter apenas seis ou mesmo menos máquinas de acesso aberto. O volume de equipamentos é reduzido, mas não a disponibilidade ao público, eliminando sobreposições e levando eficiência ao uso do espaço.

Nesta variável, apesar da insuficiência dos dados coletados, constatamos aqui, buscando a formação de um cenário composto pelas 4 variáveis propostas, um claro alinhamento de tendência em conformidade com a variável do número de agências, em que se verifica um crescimento na instalação de caixas eletrônicos a partir dos anos 2000, e uma redução a partir de 2015.

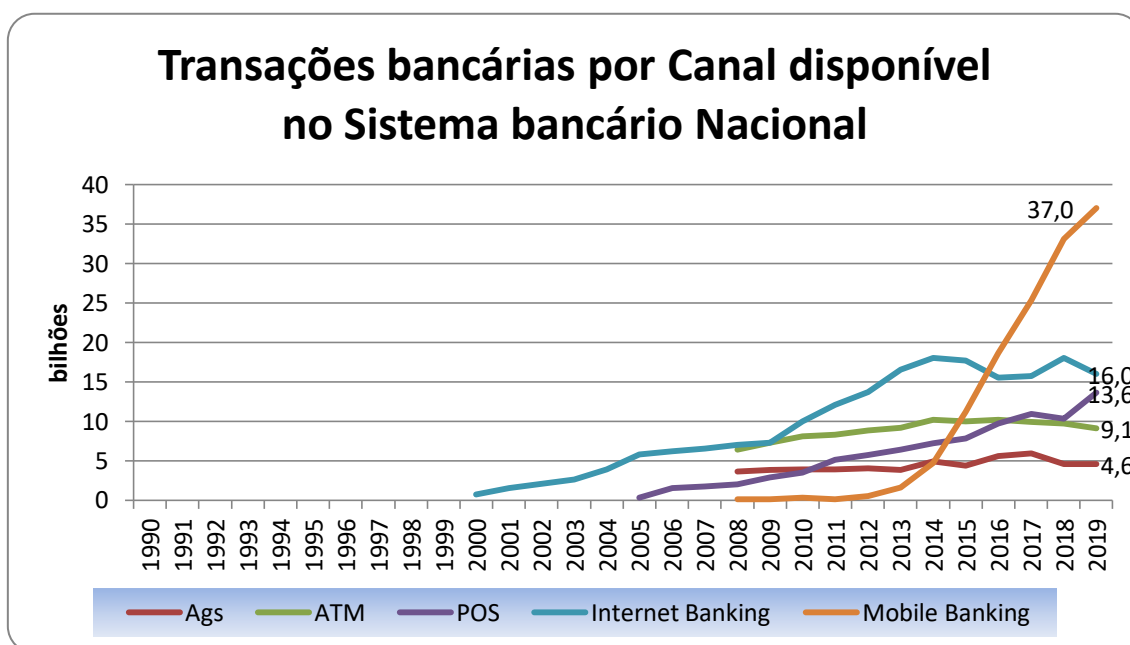
4.4 4ª variável: evolução do número de transações bancárias e meio utilizado

Finalizamos com a última variável, “evolução do número de transações bancárias e meio utilizado”, buscando identificar no período analisado se de fato ocorreram variações significativas nestes dados.

Esta variável, na formatação do cenário com as outras variáveis, é a que mais contribui com o entendimento do que vem ocorrendo no setor bancário.

Neste gráfico estão disponibilizados os números de transações bancárias e os respectivos meios utilizados pelos clientes ou usuários para realização destas. Aqui temos os dados coletados e exibidos, possibilitando comparações apenas a partir do ano 2000.

Gráfico 5



Fonte: Relatório Anual da FEBRABAN, anos de 2008, 2010, 2011, 2012, 2017 e 2019, e Pesquisa FEBRABAN de Tecnologia Bancária de 2021.

Ags	-	Agências bancárias
ATM	-	Autoatendimento
POS	-	Postos de vendas no comércio
Internet Banking	-	Internet Banking
Mobile Banking	-	Celular, Tablet

Verificamos que desde o ano de 2008 até 2019, as “transações presenciais”, realizadas nas *Agências* físicas permanecem praticamente com o mesmo volume desde então (em torno de 4 a 5 bilhões de transações anuais), semelhante ao ocorrido com as transações realizadas nos *ATM’s* (caixas eletrônicos), neste caso o dobro do volume, em torno de 9 bilhões de transações anuais, também no mesmo período.

Contudo, desde o início dos anos 2000 quando de sua disponibilização, as transações consideradas com acesso virtual, realizadas via *Internet banking* demonstram um crescimento contínuo, superando a partir de 2008 todas as outras, com 7 bilhões de transações anuais, ultrapassando a marca de 16 bilhões a partir de 2013. Entretanto, é facilmente superada a partir de 2016 quando há uma explosão no número de transações realizadas via *Mobile banking* (celular), com mais de 18 bilhões de transações anuais, alcançando em 2019, 37 bilhões de transações anuais.

As transações bancárias realizadas através do celular têm um crescimento expressivo a partir de 2014, também em decorrência da melhoria na qualidade de acesso da população aos serviços da internet.

Para se ter uma ideia do vigor desse canal, voltemos ao ano de 2011, quando o *Mobile Banking* se torna no Brasil um meio para transações, com uma base de 100 milhões de acessos. De 2011 até 2016 a elevação é de 21.800% (de 100 milhões de acessos, em 2011, para 21 bilhões em 2016). (Pesquisa FEBRABAN, 2017, P.10)

São justamente estes 2 meios, *Internet banking* e *Mobile banking*, baseados totalmente em novas tecnologias, consideradas como acesso virtual, desconsiderando assim a questão do espaço físico das *Agências*, que detêm hoje a primazia no volume de transações realizadas no sistema bancário nacional. De acordo com o Relatório FEBRABAN (2015, p.60), “As transações pelos canais digitais (*internet* e *mobile banking*) ultrapassaram (2015), pela primeira vez, mais de 50% do total, em relação a outras modalidades”.

É fato que, a princípio, no desenvolvimento, implementação e estabelecimento destas tecnologias e meios de interação do cliente com o setor bancário, não

eram transações com movimentações financeiras, o que passou a ocorrer e vem se consolidando e se intensificando com o passar do tempo.

O uso da Web pelos bancos e corretoras on-line tem sido determinado por diferentes fatores no decorrer do tempo. Assim, quando o nível de segurança da Internet era considerado pelos bancos e corretoras on-line como sendo insuficiente para suportar transações bancárias, a promoção e a divulgação de informações sobre a empresa, seus produtos e serviços, eram as principais alternativas de exploração do comércio eletrônico no setor. (DINIZ, 2001, p.12)

A Pesquisa aponta que 90% das transações via celular e 80% das transações via Internet Banking são sem movimentação financeira (FEBRABAN, 2019). Esses dados sugerem que ainda existe grande desconfiança por parte dos consumidores dos serviços bancários com relação à segurança desses canais. (RODRIGUES, 2019, p.48)

Ainda dos dados expostos no gráfico 5, as transações realizadas nos POS (postos de vendas no comércio), também estão em crescente evolução a partir de 2005 (volumes atuais em torno de mais de 10 bilhões de transações anuais), e apesar de serem realizadas em um espaço físico concreto, lojas, supermercados e outros estabelecimentos comerciais, são realizadas à margem do espaço físico dos Bancos, ou seja, fora das agências bancárias, o que possibilita também a não dependência deste espaço pelo setor bancário.

Vale ainda ressaltar a existência e o registro de outros meios de acesso aos serviços bancários, como *Correspondentes bancários*² e *Contact centers*³, com números medianos e estáveis neste período (em torno de 2 a 4 bilhões de transações anuais), e desta forma não relevantes nem impactantes nesta análise e também não foram expressos no gráfico.

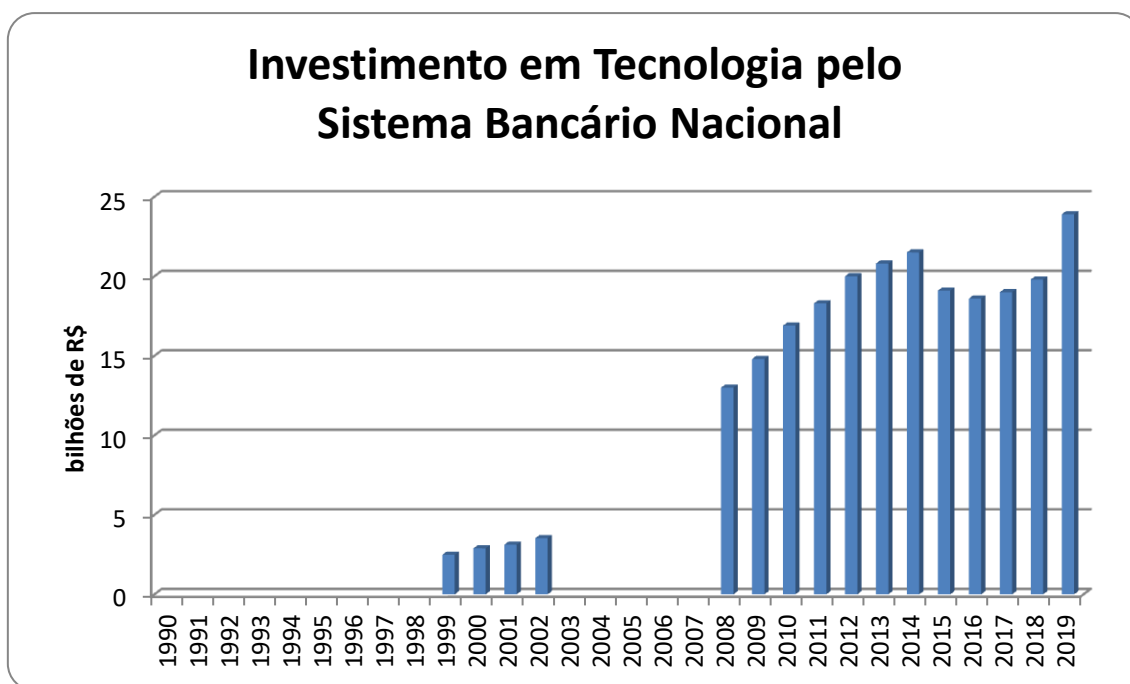
Ainda nesta questão da relevância e influência de novas tecnologias na formatação de um cenário para o setor bancário, vale observar os números consolidados do investimento deste setor neste item, investimento em tecnologia (gráfico 6), especialmente na última década com o crescimento

² O Banco Central define correspondente bancário como “empresa contratada por instituições financeiras e demais instituições autorizadas pelo Banco Central para a prestação de serviços de atendimento aos clientes e usuários dessas instituições.

³ O contact Center, de maneira resumida, é uma operação de suporte ao consumidor muito mais completa do que a versão por telefone, o que pode mudar totalmente a experiência do cliente na hora do atendimento.

significativo destes números, o que vem a coincidir com o aumento exponencial da utilização do *Internet banking* e do *Mobile banking*.

Gráfico 6



Fonte: Relatório Anual da FEBRABAN, anos de 2001, 2002, 2005, 2006, 2008, 2012, 2013, 2014, 2017 e 2019 e Pesquisa FEBRABAN de Tecnologia Bancária 2021.

Conforme observamos no gráfico, o investimento consolidado em tecnologia ultrapassou a marca de R\$ 20 bilhões em alguns anos desta última década de 2010, colocando o setor bancário entre os líderes neste quesito.

Considerando efetivamente os números demonstrados desta variável de transações bancárias e meio utilizado, o rápido crescimento das transações via internet banking a partir de sua disponibilização pelos bancos, e crescimento exponencial das transações via mobile banking a partir de 2015, em relação às outras transações disponibilizadas, permitem concluir que claramente houve uma mudança de paradigma no setor bancário desde então. As possibilidades geradas a partir destes acessos virtuais efetivamente têm forte influência nas outras variáveis, especialmente no número de agências bancárias, e consequentemente na composição do cenário do setor bancário.

4.5 Sistema financeiro nacional em números nestas três décadas

Ainda buscando contribuir nesta avaliação de composição do cenário do setor bancário no período analisado, identificamos alguns outros dados que auxiliam neste entendimento.

Estes dados, à parte das quatro variáveis inicialmente propostas, informam sobre o Patrimônio Líquido, Lucro, Operações de Crédito e Conta Corrente, e como se comportaram ao longo deste período.

Considerando as características desse setor fortemente regulamentado, com diversas alterações na forma e no conteúdo dos seus processos ao longo das três décadas, ainda assim o que visualizamos no gráfico 7 (patrimônio líquido), neste caso disponíveis apenas a partir de 2002, é uma tendência de constante crescimento quando analisados os números consolidados do setor.

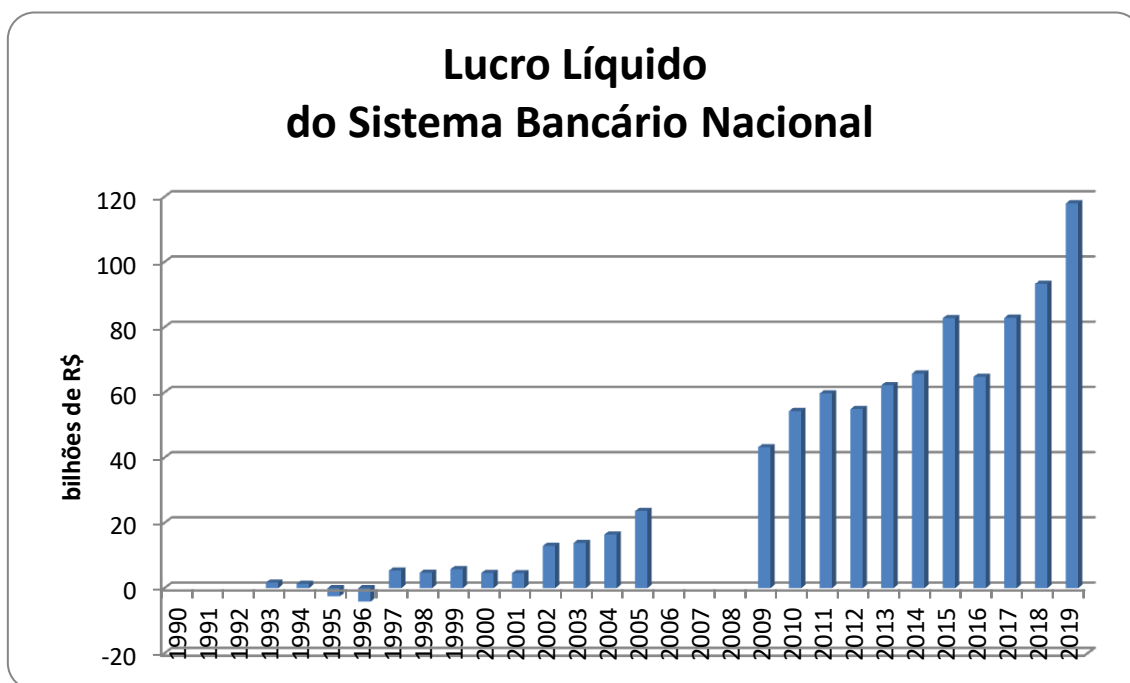
Gráfico 7



Fonte: Relatório Anual da FEBRABAN, anos de 2002, 2005, 2006, 2008, 2012, 2013, 2014, 2017 e 2019.

No caso do Lucro Líquido, gráfico 8, os números consolidados do setor, demonstram o período de maior turbulência da década de 1990, com números menos expressivos durante esta década e, a partir dos anos 2000, um crescimento constante e bastante expressivo no lucro dos Bancos.

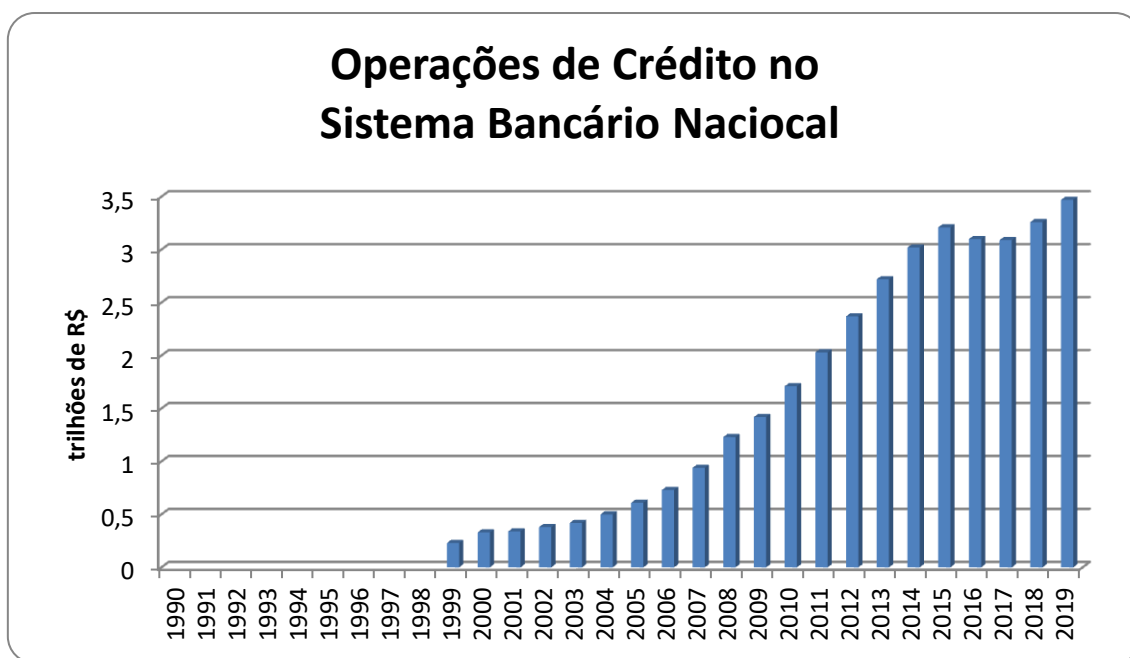
Gráfico 8



Fonte: Relatório Anual da FEBRABAN, anos de 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2017 e 2019 e DIEESE.

Quanto às Operações de Crédito (gráfico 9), um dos principais indicadores do setor, a evolução constante dos números consolida-se a partir dos anos 2000, com um crescimento expressivo a partir de então.

Gráfico 9



Fonte: Relatório Anual da FEBRABAN, anos de 2001, 2002, 2005, 2006, 2008, 2017 e 2019, e Painel Econômico e Financeiro 2016 da FEBRABAN.

É importantíssimo ressaltar que os números estão apresentados em termos absolutos, ou seja, não foram considerados os efeitos da desvalorização inflacionária dos períodos expostos nos respectivos gráficos.

Ainda assim, o que verificamos é uma constante evolução dos números que consideram patrimônio líquido, lucros e contratações de crédito por seus respectivos clientes e usuários.

Outro dado que corrobora esta tendência constante de crescimento está demonstrado no crescimento constante do número de contas correntes no sistema bancário (gráfico 10). Ainda que consolidados apenas alguns anos do período proposto, evidencia-se a curva de crescimento, deste que é um dado importante, pois se trata de um indicador de um dos principais produtos ofertados pelo sistema bancário.

Gráfico 10



Fonte: Relatório Anual da FEBRABAN, anos de 2010, 2011, 2012, 2013.

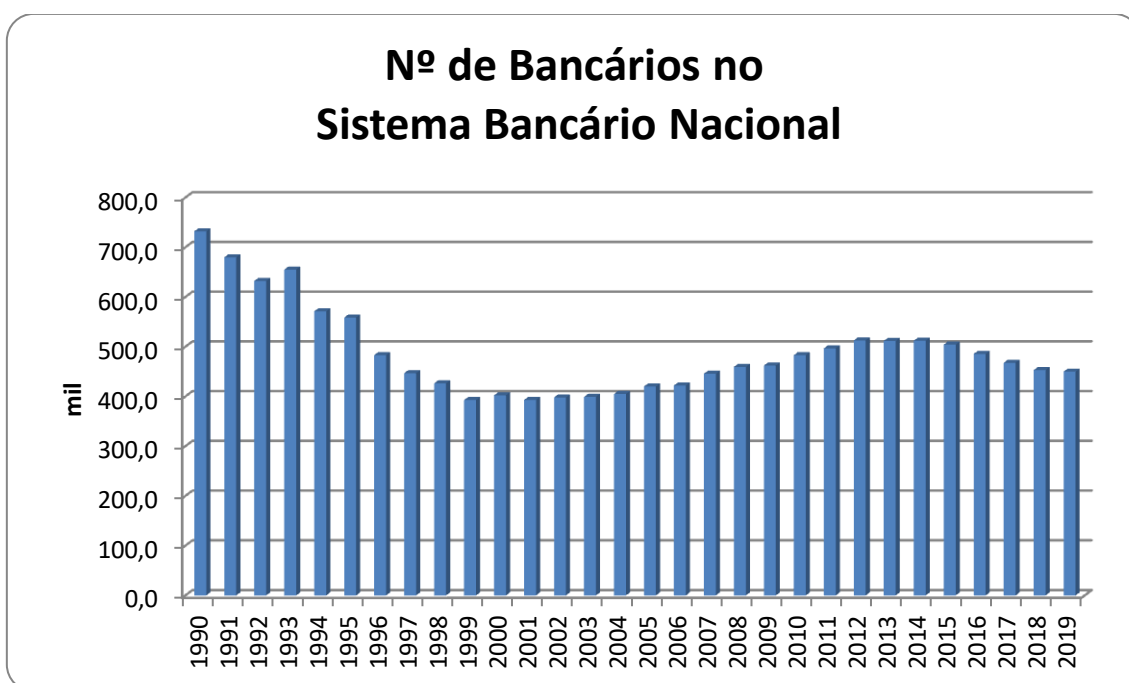
Estes dados quando considerados em conjunto com as variáveis propostas para análise, permitem concluir que a despeito de mudanças de processos e comportamentos, na interação instituições bancárias e clientes e usuários do sistema, ainda assim o consolidado dos números do setor exibe um efetivo crescimento em termos de resultados econômicos.

4.6 Empregados do Sistema financeiro nacional em números nestas três décadas

Ainda neste contexto, para contribuímos com a composição do cenário do setor bancário no período analisado, destacamos um dado específico que auxilia neste entendimento, o número de trabalhadores bancários no período de análise.

Apesar de não ser objeto central desta pesquisa, este dado pode ilustrar as consequências de uma das variáveis do desenvolvimento do sistema bancário nestas três últimas décadas: a evolução do emprego na categoria bancária.

Gráfico 11



Fonte: DIEESE, Rodrigues, 2019.

Verificamos um forte declínio do número de trabalhadores na década de 1990, reduzidos a quase metade do início da década, de 730 mil para aproximadamente 400 mil bancários, coincidindo com a década de grande ajuste estrutural no setor bancário.

Há uma retomada na década seguinte, voltando a aproximadamente 500 mil bancários, coincidindo com o período de crescimento da variável “número de agências” (comparar com gráfico 2), entretanto, ficando muito aquém dos números do início da década de 1990, até porque aqui, início dos anos 2000, os efeitos de novas tecnologias, como o internet banking, já se faziam presentes.

E, novamente, vemos a tendência do gráfico na segunda parte desta última década, de queda no emprego no setor bancário (450 mil bancários), coincidindo com a queda do número de agências, concomitantemente com o incremento na utilização das novas formas de acesso proporcionada pelas novas tecnologias, marcadamente o internet banking e mobile banking, apesar de não podermos desconsiderar aqui os efeitos da crise econômica instalada nestes últimos anos no País, o que não permite afirmar com clareza qual dos dois fatores tem influenciado mais decisivamente nesta queda do emprego no setor bancário.

5. Conclusões e reflexões finais

Como qualquer outro setor da atividade econômica em um sistema capitalista, o setor bancário brasileiro buscou nestas três décadas aqui analisadas, encontrar novas oportunidades de crescimento, adaptar-se às mudanças conjunturais, externas ou internas, obviamente não ignorando a variável redução de custos.

Ao analisarmos os dados coletados e estruturados em gráficos, das variáveis inicialmente propostas, “número de bancos”, “número de agências”, “número de caixas eletrônicos” e “transações e meios utilizados”, que entendemos nos auxiliariam na compreensão de um cenário deste setor, verificamos evidentemente mudanças significativas ocorridas neste período de três décadas.

Na variável “número de bancos”, a princípio estimulados especialmente por demandas de fora do cenário nacional, alguns dos grandes Bancos brasileiros se adaptaram rapidamente às mesmas e lograram inclusive um crescimento que talvez não ocorresse se as condições anteriores fossem mantidas.

Enquanto várias instituições não estavam ajustadas o suficiente para o enfrentamento da concorrência externa, e às novas exigências regulatórias, especialmente no caso das instituições do setor público, outras se valeram justamente desta situação de fragilidade de seus concorrentes para acelerar seu crescimento através da aquisição destes, sendo os mais emblemáticos, o Itaú e o Bradesco.

Assim temos consolidado o cenário neste período de análise, de um enxugamento de aproximadamente um quarto do número total de instituições bancárias, ou seja, de 217 Bancos em 1990 para 153 Bancos em 2019.

Após os ajustes da primeira década, com uma nova oportunidade de crescimento econômico no início da nova década, anos 2000, e diante das oportunidades visualizadas de crescimento, ocorre uma expansão do setor, e

no caso específico de outra variável objeto desta pesquisa, “número de agências”, com o estabelecimento de novas agências bancárias no território brasileiro, sendo aproximadamente sete mil novas agências no período compreendido entre os anos 2000 a 2014, que representa mais de 40% no volume total de agências.

A partir deste período, a tendência se inverte, ocorrendo o fechamento de agências, entretanto de forma mais acelerada. Apenas na segunda parte da década, foram mais de três mil agências encerradas e com inequívoco sinal de continuidade deste processo.

Na terceira variável, “número de caixas eletrônicos”, a evolução dos números registrados se dá de forma semelhante ao número de agências. Com um aumento considerável de aproximadamente cinquenta mil novos caixas à rede existente, que representa um crescimento em torno de 40%, considerando o período dos anos 2000 a 2014. A partir também da segunda parte da década, a tendência semelhantemente inverte-se, ocorrendo a redução destes dispositivos, entretanto em menor velocidade que a redução de agências.

Em paralelo a todo este cenário, está ocorrendo o desenvolvimento acelerado de novas formas e usos de utilização dos serviços bancários, baseadas em novas tecnologias do setor de telecomunicações.

O advento destas tecnologias possibilita através dos meios Internet banking e Mobile banking, uma disrupção na oferta, e na forma do cliente ou usuário acessar os produtos e serviços oferecidos pelos Bancos, neste caso, nossa última variável, “número de transações bancárias e meio utilizado”.

Temos a partir da consolidação do uso destes meios, crescimento acelerado do Internet banking a partir dos anos 2000, e crescimento exponencial do Mobile banking na segunda metade da década dos anos 2010. Os dados dessa variável demonstram ainda uma constante no número de transações efetuadas nas agências físicas, porém sem crescimento da demanda, o que viabiliza para os Bancos a busca citada anteriormente da redução de custos, neste caso com o fechamento de agências.

Efetivamente, temos nos dados desta última variável, os componentes com maior contribuição para a formatação do atual cenário do setor bancário brasileiro. O chamado acesso virtual, com as transações por Internet banking e Mobile banking implicam em uma enorme influência desta variável sobre as outras, mais especificamente a variável do “número de agências”.

Pelos dados coletados e sistematizados, independente se com tendências de crescimento ou redução nos números das respectivas variáveis, o fato é que evidencia-se o efetivo alcance dos objetivos de expansão e crescimento econômico do setor bancário, sendo que a partir da segunda metade desta década, sem a necessidade de expansão ou mesmo manutenção do número de agências no território nacional.

Cabe ressaltar, que toda a pesquisa e análise foram efetuadas sem considerar os efeitos e consequências da pandemia do covid-19, instalada no Brasil a partir de 2020, ou seja, fora do escopo do período desta pesquisa, 1990 a 2019. É extremamente provável que as tendências apontadas aqui, em um cenário de pandemia com restrição de circulação, e mesmo no pós-pandemia, tenham e venham a ser acelerados quanto aos acessos virtuais, e na desterritorialização do setor bancário.

Como já frisado, a redução de custos, aqui citados apenas os fatores despesas de pessoal e desmobilização de ativos, no caso imóveis, não é objeto desta pesquisa e estão elencadas apenas pela obviedade das consequências do cenário exposto. Como exemplo, temos a redução de aproximadamente cinquenta mil postos na categoria bancária neste último período de 5 anos.

O cenário projetado para o futuro pode vir a ser ainda mais danoso, a se considerar a perspectiva do olhar.

Se considerarmos que grande parte dos atuais clientes e usuários dos serviços bancários é composta por pessoas de uma faixa etária ainda não totalmente habituada às novas tecnologias, e que esta alteração de perfil se dará ao longo dos próximos anos ou décadas, teremos provavelmente alterações significativas na composição de um futuro panorama do setor bancário no Brasil.

Apenas alguns exemplos dos novos Bancos com suas novas dinâmicas e práticas, nos seus respectivos relacionamentos com seus cliente e usuários. Os chamados Bancos digitais ou virtuais, também surgidos nesta última década:

- Nubank - estimativa de 40 milhões de clientes
- Banco Inter - estimativa de 14 milhões de clientes
- C6 Bank - estimativa de 7 milhões de clientes

Você conhece onde está localizada no território alguma Agência do Nubank, do Banco Inter ou do C6 Bank?

Como disse, a depender da perspectiva do olhar...

6. Referências:

CONTEL, Fábio Betioli. A evolução do sistema financeiro brasileiro: uma leitura geográfica. FFLCH, 2009

DINIZ, Eduardo Henrique. Uso da web nos serviços financeiros. FGV-Núcleo de Pesquisas e Publicações, São Paulo, 2001.

FREITAS, Maria Cristina Penido de, organizadora. Daniela Magalhães Prates, Marcos Antonio Macedo Cintra. Abertura do sistema financeiro no Brasil nos anos 90. São Paulo, Fundap, Fapesp, Brasília, IPEA, 1999.

JABRA, Diana Hanna Stiphan. A falta de internacionalização dos bancos brasileiros. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Economia, Administração, e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 2018.

RODRIGUES, Vivian Machado de Oliveira. Bancos e Fintechs: Colaboração e competição que afetam o emprego nos bancos e a oferta de serviços bancários. Carta de Conjuntura da USCS, nº 9, 2019.

Sistema financeiro no MERCOSUL: uma análise comparativa – Associação Nacional das Instituições do Mercado Aberto, Rio de Janeiro, ANDIMA, 1999.

FEBRABAN; Inovação e Competição: Novos caminhos para redução dos spreads bancários?, 2018. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/pagina/3141/26/pt-br/apresentacoes-setor-bancario>, agosto de 2021.

FEBRABAN; Painel Econômico e Financeiro 2016. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/pagina/3120/21/pt-br/painel-2016>, em agosto de 2021.

FEBRABAN; Pesquisa FEBRABAN de Tecnologia Bancária 2013. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/pagina/3106/48/pt-br/pesquisa>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Pesquisa FEBRABAN de Tecnologia Bancária 2014. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/pagina/3106/48/pt-br/pesquisa>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Pesquisa FEBRABAN de Tecnologia Bancária 2015. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/pagina/3106/48/pt-br/pesquisa>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Pesquisa FEBRABAN de Tecnologia Bancária 2017. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/pagina/3106/48/pt-br/pesquisa>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Pesquisa FEBRABAN de Tecnologia Bancária 2018. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/pagina/3106/48/pt-br/pesquisa>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Pesquisa FEBRABAN de Tecnologia Bancária 2019. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/pagina/3106/48/pt-br/pesquisa>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Pesquisa FEBRABAN de Tecnologia Bancária 2020. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/pagina/3106/48/pt-br/pesquisa>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Pesquisa FEBRABAN de Tecnologia Bancária 2021. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/pagina/3106/48/pt-br/pesquisa>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

FEBRABAN; Relatório FEBRABAN 2001. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Relatório FEBRABAN 2002. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Relatório FEBRABAN 2003. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Relatório FEBRABAN 2004. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Relatório FEBRABAN 2005. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Relatório FEBRABAN 2006. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Relatório FEBRABAN 2007. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Relatório FEBRABAN 2008. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Relatório FEBRABAN 2009. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Relatório FEBRABAN 2010. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Relatório FEBRABAN 2011. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Relatório FEBRABAN 2012. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Relatório FEBRABAN 2013. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Relatório FEBRABAN 2014. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Relatório FEBRABAN 2015. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Relatório FEBRABAN 2016. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Relatório FEBRABAN 2017. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Relatório FEBRABAN 2018. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

_____. Relatório FEBRABAN 2019. Acessado em <https://portal.febraban.org.br/>, nos meses de agosto, setembro e outubro de 2021.

FENAE; Notícias 2014. Acessado em <https://www.fenae.org.br/portal/fenae-portal/noticias/rais-aponta-que-numero-de-bancarios-cai-pela-primeira-vez-no-brasil-desde-2001.htm>, agosto de 2021.

IBGE; _____ Acessado _____ em https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2020/estimativa_dou_2020.pdf, novembro de 2021.